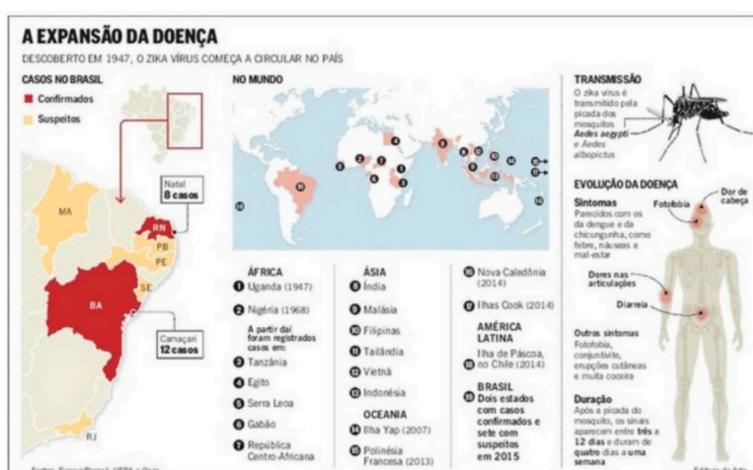


# SAÚDE

## FioCruz confirma novos casos do vírus zika

Fundação identifica doença em oito pacientes do Rio Grande do Norte; houve mais casos na Bahia e suspeitas em diversos estados

POR FLAVIA MILHORANCE  
14/05/2015 6:00 / atualizado 14/05/2015 11:18



RIO - Transmitido pelos mesmos mosquitos da dengue e da chicungunha, um novo vírus, conhecido como zika, começou a circular pelo Brasil. Os primeiros casos foram confirmados este mês na Bahia, e agora cientistas comprovaram a presença do vírus também no Rio Grande do Norte. Há ainda relatos, não confirmados, de pacientes nos estados nordestinos de Maranhão, Pernambuco, Sergipe e Paraíba, além suspeitas no Rio de Janeiro. Os sintomas das três doenças são parecidos, mas a preocupação de pesquisadores é, especialmente, com uma eventual ocorrência de surtos simultâneos, o que poderia provocar complicações mais sérias.



### Veja também

- Comum em fios e moedas, cobre pode ser nova arma contra a dengue
- Justiça obriga moradores de cidade paulista a abrir porta para agentes de combate a dengue
- Fiocruz desenvolve 'armadilha' de larvicida para matar mosquitos da dengue

As amostras de 21 pacientes de Natal foram analisadas por cientistas da FioCruz, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande Norte. Eles aplicaram testes moleculares desenvolvidos por países com maior incidência da doença e comprovaram que o material genético de oito delas era do novo vírus. Nos demais, garantem não se tratar de dengue nem chicungunha.

— Possivelmente são também zika vírus, mas não conseguimos comprovação porque o vírus circula no sangue do indivíduo por dois ou três dias, e os testes não são sensíveis para detectá-lo depois desse período — explica a virologista Cláudia Nunes Duarte dos Santos, coordenadora da pesquisa e chefe do Laboratório de Virologia Molecular do Instituto Carlos Chagas/Fiocruz Paraná. — Esses dados mostram que, de fato, a doença está se dispersando no país.

Além dos sintomas parecidos com os da dengue e da chicungunha — dores nas articulações, no corpo e de cabeça, febre, náuseas, diarreia e mal-estar — o zika vírus ainda pode causar fotofobia, conjuntivite e erupções cutâneas por todo o corpo, incluindo as palmas das mãos e as plantas dos pés, acompanhadas de muita coceira. Após a picada do mosquito, os sinais aparecem entre três a 12 dias e duram de quatro dias a uma semana. Especialistas afirmam, entretanto, que são sinais mais brandos que os das outras duas doenças e que não há mortes registradas. A preocupação, na verdade, é a da co-infecção.

— Ela parece menos grave, mas é possível adquirir os três vírus ao mesmo tempo, e não sabemos o curso clínico dessa co-infecção com o zika vírus, para o qual não temos imunidade — pondera Cláudia. — Há necessidade de uma investigação profunda para esclarecer isso e adequar os tratamentos.

No Rio de Janeiro, sintomas de alguns pacientes vêm confundido pesquisadores da FioCruz, que, após testar uma série de doenças, decidiram enviar amostras desses indivíduos para avaliação no Paraná. A unidade já vinha trabalhando com outros vírus, e foi a responsável pelo isolamento do chicungunha em Feira de Santana, na Bahia, município que vive surto da doença.

— No Brasil, desde o ano passado, um número crescente de pacientes vem apresentando os sintomas da doença. Temos relatos até na Região Norte — acrescenta Cláudia.

Existem dois tipos de cepas do zika vírus: uma asiática e outra africana. A pesquisa realizou o sequenciamento genético do material encontrado em Natal, e os dados “indicam fortemente” que se trata da cepa asiática, diz Cláudia. O próximo passo da pesquisa será identificar como e quando ela foi introduzida no Brasil. A hipótese mais provável é que o vírus tenha chegado no país por meio de visitantes estrangeiros durante a Copa do Mundo.

### MINISTÉRIO FAZ NOVOS TESTES



A virologista Cláudia Nunes, da FioCruz - ICC FioCruz Paraná / Divulgação

No caso da Bahia, 12 amostras do zika vírus foram confirmadas no dia 29 de abril em pacientes do município de Camaçari. Segundo a Universidade Federal da Bahia (UFBA), responsável pela descoberta, a doença também tem acometido indivíduos de Salvador, Feira de Santana e outros municípios baianos.

Tanto os resultados da Bahia quanto os do Rio Grande do Norte foram encaminhados para o Ministério da Saúde, que afirma que as amostras serão analisadas ainda pelo Instituto Evandro Chagas de Belém e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC). Segundo o ministério, a confirmação ocorrerá somente após o laudo do laboratório de referência.

Os mosquitos transmissores da doença são os já conhecidos *Aedes aegypti* e *Aedes albopictus*, presentes em países do continente americano que sofrem surtos de dengue e chicungunha. Por isso, embora ainda não existam casos recentes confirmados no continente — apenas um foi registrado, em fevereiro de 2014, na Ilha de Páscoa, no Chile —, há a possibilidade de a doença estar se disseminando silenciosamente, segundo Cláudia:

— É bem provável que o zika vírus esteja passando despercebido.

Por conta disto, a Organização de Saúde Pan-Americana (Opas), ligada à Organização Mundial de Saúde (OMS), alertou sobre o risco de ocorrência de surtos. “A ampla distribuição do vetor nas Américas, combinada à alta mobilidade de pessoas na região e no mundo, representa um risco de disseminação do zika vírus no continente americano”, diz o comunicado publicado dia 7 de maio.

O órgão recomenda que a vigilância do patógeno deve ser organizada com base no mesmo sistema já existente para a dengue e o chicungunha, tendo em conta as diferenças clínicas. “O controle do mosquito é a única medida que pode interromper a transmissão de vírus por vetores”, acrescenta.

Nova no continente americano, a doença foi descrita pela primeira vez em 1947, num macaco rhesus, durante um estudo de transmissão da febre amarela, na Floresta de Zika, em Uganda. Cerca de 20 anos depois, foi comprovado em humanos na Nigéria. E, a partir daí, espalhou-se por regiões da África — em países como Tanzânia, Egito, Serra Leoa e Gabão — e Ásia — Índia, Malásia, Filipinas, Tailândia, Vietnã e Indonésia —, alcançando em seguida a Oceania. Em 2007, ocorreu um surto na Ilha Yap, na Micronésia, onde 185 casos foram registrados.

